

MACROFUNÇÃO INTERPESSOAL DA LINGUAGEM E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM DISCURSOS SOBRE CONFLITOS INTERNACIONAIS

*Viviane C. Vieira Sebba RAMALHO
(Universidade de Brasília/ UnB)*

ABSTRACT: This paper, based upon Critical Discourse Analysis theoretical-methodological concepts (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough, 2003), seeks to examine the Brazilian print media's discourse on the U.S-Iraqi invasion in 2003. The linguistic analysis focused upon examining ways in which the journalist identifies him/herself through an analysis of metaphors present in the texts. The socio-discursive analysis carried out serves to reveal that in most instances the meanings transmitted by major media are ideological in nature.

KEY-WORDS: discourse, metaphors, newspaper reports, ideology, Brazilian press, Iraqi invasion, U.S. hegemony.

1. Apresentação

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (ADC) (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough, 2001; 2003), neste trabalho proponho, primeiro, refletir sobre a operacionalização da macrofunção interpessoal da linguagem (Halliday, 1985; Halliday & Matthiessen, 2004), proposta por Fairclough (2001; 2003). Segundo, partindo da idéia de que identidade e diferença são, em parte, atos de criação lingüística, reflito sobre o papel desta macrofunção na construção parcial de identidades de atores envolvidos em conflitos internacionais. Especificamente, na invasão do Iraque pelos EUA. Muito embora a linguagem seja multifuncional, isto é, opera simultaneamente as funções ideacional, interpessoal e textual, para fins deste trabalho, a atenção estará voltada sobretudo para a macrofunção interpessoal.

Na primeira parte, discuto como a concepção da ADC de discurso como “um momento irredutível da vida social, dialeticamente interconectado a outros elementos da vida social”¹ (Fairclough, 2003: 3) é aplicada às

¹ Os originais em língua estrangeira foram traduzidos pela autora.

macrofunções da Lingüística Sistêmica Funcional (LSF) (Halliday, 1985; Halliday & Matthiessen, 2004). A ADC propõe um aprofundamento da noção de *linguagem como uma forma de ação social*, que constrói o mundo e, ao mesmo tempo, articula e internaliza traços de processos sociais. Nesse sentido, Fairclough (2003) propõe que as macrofunções da linguagem sejam vistas de acordo com três principais maneiras como o discurso figura em práticas sociais: *como modos de agir, como modos de representar e como modos de ser*. Estreita-se a relação entre texto, evento, mundo físico e social, e pessoas.

Reconhece-se que, por meio da fala e da escrita, agimos e interagimos, logo, o discurso figura como parte da *ação* em práticas sociais. Em segundo lugar, o discurso figura na *representação* do mundo material, de outras práticas sociais ou em representações auto-reflexivas da própria prática particular, conforme diferentes perspectivas ou posições dos sujeitos em (redes de) práticas. Em terceiro e último lugar, o discurso figura na *identificação*, na constituição de identidades sociais ou pessoais particulares. Essas três maneiras de interação entre discurso e prática social, criadas a partir da primeira proposta de adaptação das macrofunções da LSF à ADC (Fairclough, 2001), correspondem não só aos *três principais tipos de significado do discurso* (acional, representacional e identificacional, que incorporam traços das macrofunções textual, ideacional e interpessoal, respectivamente), mas também aos elementos que compõem ordens de discurso (gêneros, discursos e estilos).

O principal foco das reflexões teóricas deste trabalho recai sobre a *macrofunção interpessoal*, sua divisão em *identitária e relacional* (Fairclough, 2001), o significado de discurso *identificacional*, que a ela corresponde predominantemente e, conseqüentemente, sobre o elemento integrante de ordens de discurso ligado ao significado identificacional, o *estilo*. Na segunda parte, discuto de maneira mais detida aspectos do significado identificacional do discurso, uma vez que a atenção está voltada para o papel deste significado na constituição de identidades sociais ou pessoais em discursos midiáticos sobre conflitos internacionais. Também abordo a *metáfora* (Fairclough, 2003; Lakoff & Johnson, 2002), uma das categorias de análise da ADC para investigação do significado identificacional em textos.

A essas reflexões teóricas, somam-se, na terceira parte, exemplos de análise empírica de discursos da mídia brasileira sobre o conflito internacional entre EUA e Iraque em 2002/2003. Analiso algumas

metáforas utilizadas em reportagens sobre a invasão ao Iraque, publicadas em 2002 e 2003 pelas revistas brasileiras *Veja* e *Caros Amigos*. Dado o propósito de verificar o papel do discurso na construção parcial da identidade de atores sociais, faço a análise dos textos segundo a perspectiva identificacional, observando os modos pelos quais *metáforas* podem contribuir, via discurso, para instaurar, sustentar e subverter processos de identificação.

2. Discurso como um momento de práticas sociais

A ADC é uma abordagem científica transdisciplinar para estudos que se ocupam de alguma forma com o discurso, entendido como forma de ação, constituída socialmente, mas também constitutiva de identidades, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença. À compreensão de discurso como ação social subjaz a concepção do Realismo Crítico (RC) (Bhaskar, 1989) de que a realidade é construída por diferentes estratos e mecanismos, cada qual com seus próprios poderes causais. Seguindo o RC, a ADC reconhece a vida, social ou natural, como um sistema aberto, constituído por várias dimensões (física, química, biológica, psicológica, econômica, social, semiótica), dotadas de estruturas distintas, mecanismos particulares e poder gerativo. Na produção da vida, a operação de qualquer mecanismo é mediada por outros, de tal forma que nunca se excluem ou se reduzem um ao outro (Chouliaraki & Fairclough, 1999). A linguagem é vista como um elemento constituinte da realidade (e constituído por ela) em todos os níveis do social: a *linguagem* como sistema localiza-se no nível da estrutura social, em termos de mais ou menos fixidez; o *texto* localiza-se no nível dos eventos sociais e, por último, no nível mais importante para a ADC, o das (redes de) práticas sociais, encontram-se as *ordens de discurso* ou o *discurso*. Este é entendido como *um momento irreduzível de práticas sociais*.

Ressalte-se que a ADC trabalha com a noção de *prática social*, um nível intermediário entre as entidades *agente* e *estrutura*. Seguindo aspectos da Teoria da Estruturação (Giddens, 2003), a ação individual cotidiana não é desvinculada de padrões institucionalizados de ação ou de relações, ou seja, a estrutura social é tanto *resultado* de ações individuais quanto *meio* para o desenvolvimento de tais ações. Segundo Giddens (2003: 2-3), “o domínio básico de estudo das ciências sociais, de acordo com a teoria da estruturação não é a experiência do ator individual nem a existência de qualquer forma de totalidade social, mas as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo. As atividades sociais humanas, à

semelhança de alguns itens auto-reprodutores na natureza, são recursivas. Quer dizer, elas não são criadas por atores sociais mas continuamente recriadas por eles através dos próprios meios pelos quais eles se expressam *como* atores. Em suas atividades, e através destas, os agentes reproduzem as condições que tornam possíveis essas atividades”.

Assim sendo, ações individuais localizadas, em alguma medida constringidas por formas mais cristalizadas de ação e interação, são responsáveis pela produção, reprodução ou transformação da organização social. *Textos* são assumidos como amostras de práticas sociais mais amplas, que se situam num nível intermediário entre o que tende a ser mais fixo (estruturas) e o que tende a ser mais flexível e momentâneo (eventos). A ADC trabalha com análise de *discurso* e não com análise de *textos* isolados de práticas.

Há, no mínimo, duas acepções de *discurso* em ADC: como substantivo abstrato, significando linguagem e outros tipos de semiose como momentos da vida social e, mais concretamente, como um substantivo contável, significando modos particulares de representação de parte do mundo (Fairclough, 2003: 26). Este momento irreduzível, que se enquadra na primeira acepção, articula-se dialeticamente, em constantes relações mutáveis, com outros momentos constituintes de (redes de) práticas sociais (relações sociais, fenômenos mentais e atividade material), cada qual, a exemplo do momento semiótico, com seus próprios mecanismos causais, agindo em diferentes estratos e gerando efeitos no mundo. A semiose, dotada de força gerativa, interioriza elementos da ação social, das relações sociais, das crenças de pessoas, e, também, do mundo material em que se desenvolve a ação, além de ser interiorizada por eles em diferentes formas de articulação.

Nessa perspectiva, a ADC de vertente faircloughiana trabalha com as noções de *vida social constituída em torno de práticas*, ou seja, maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos para (inter)agirem, e *discurso*, um momento sempre presente em práticas sociais, submetido a relações dialéticas constantes com os demais momentos, quais sejam, relações sociais, fenômenos mentais e atividade material. Tal articulação de momentos implica que todos os momentos da prática social estabelecem continuamente relações mutáveis uns com os outros. Essa percepção dialética estende-se a conjunturas, ou redes de práticas, e aos *elementos internos do momento semiótico*, quais sejam, *gêneros, discursos e estilos*. Gêneros constituem

“o tipo de linguagem ligado a uma atividade social particular”. Discursos são “o tipo de linguagem usado para construir algum aspecto da realidade de uma perspectiva particular”. Estilos são o “tipo de linguagem usado por uma categoria particular de pessoas e relacionado a sua identidade” (Chouliaraki & Fairclough, 1999: 63). Em nível interno, traços do movimento articulatório entre discurso e demais momentos de (redes de) práticas sociais são materializados por esses momentos da semiose, que atualizam os três *principais significados do discurso: significado acional, representacional e identificacional*.

Essa visão da vida social como um sistema aberto alcança relações entre vários elementos integrantes da vida social, possibilitando o mapeamento tanto de traços do social internalizados pelo discurso quanto de relações de causa e efeito de sentidos de textos em práticas sociais. Por meio da análise de relações dialéticas entre discurso e outros momentos que compõem (redes de) práticas sociais, objetiva-se, por um lado, desvelar relações que constituem práticas sociais e, por outro, identificar mecanismos que possam instaurar, sustentar ou subverter relações de dominação (Fairclough, 2003). As “ferramentas” que subsidiam análise de discurso críticas, viabilizando tal mapeamento, são encontradas na LSF, sobre a qual discutirei brevemente a seguir.

3. As macrofunções hallidianas na ADC

Dado que uma das principais preocupações da ADC, de vertente faircloughiana, é procurar abordar a linguagem como prática social, ela encontra na LSF hallidiana sua principal ferramenta para análise de eventos discursivos, ou *textos*. A LSF preocupa-se com as relações (ou funções) entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação social, bem como frisa a importância do papel do contexto social na compreensão da natureza das línguas (Neves, 1997: 41). A língua é vista como instrumento de interação social, que existe em função de seu uso na interação humana (Halliday, 1985: xxviii- xxix). Uma gramática funcional é, portanto, uma gramática natural, porque pode ser explicada pela referência ao modo como a língua é usada, sendo assim, seu objeto de estudo são os *usos da língua*, responsáveis pela forma e pela transformação do sistema. Toda sentença é vista como *mensagem* (função textual), como *processo* que constrói o mundo (função ideacional) ao mesmo tempo como *ato de fala* que estabelece relações sociais entre seus produtores e outros atores que ocupam este mundo (função interpessoal).

A macrofunção ideacional da linguagem contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença, por meio da representação particular de aspectos do mundo. A macrofunção interpessoal contribui para a constituição de relações sociais. A macrofunção textual diz respeito à maneira como as informações são organizadas e relacionadas no texto. Segundo essa visão funcional, o social é trazido para o tecido gramatical da linguagem ou, nos termos da ADC, demais momentos de (redes de) práticas sociais são internalizados pela linguagem e vice-versa, de modo que se considera a constituição da semiose pela sociedade, assim como a constituição da sociedade pela semiose. Muito embora a LSF represente uma grande contribuição para análises de textos, a ADC localiza alguns problemas que merecem ser contornados para uma efetiva abordagem da linguagem como prática social. Ressalte-se que não são problemas da LSF, e sim, da sua utilização como ferramenta da ADC, cuja preocupação principal é mapear conexões entre discurso e sociedade. Vejamos.

Fairclough (2001: 91-176) propõe uma subdivisão da *macrofunção interpessoal* em funções *identitária* e *relacional*, porque, segundo o autor, a questão da identidade é um aspecto discursivo de mudança cultural e social muito importante que tem sido negligenciado, por exemplo, em alguns aspectos, pela LSF, que contempla de maneira insuficiente o papel da linguagem na construção de identidades. O autor considera a existência da função identitária da linguagem, que se relaciona aos “modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso”, por um lado, e, por outro, a existência da função relacional, que se refere às maneiras “como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas” (Fairclough, 2001: 92). Em comparação com a função interpessoal de Halliday, estas funções avançam na percepção da contribuição da linguagem para a constituição não só de relações sociais, mas também de identidades sociais e particulares. Entende-se, portanto, que as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações que são também escolhas sobre o significado (e a construção, manutenção ou subversão) de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença (Fairclough, 2001: 104).

Chouliaraki e Fairclough (1999, cap. 8) apontam outras dificuldades para a ADC, relacionadas à LSF, que deveriam ser superadas para a abordagem da linguagem como prática social. A LSF vê a linguagem como um sistema aberto, passível de mudança, mas sua compreensão sobre tal “abertura” restringe-se ao sistema semiótico. A LSF não chega

a contemplar discussões sobre o potencial social em realizações lingüísticas. Suas discussões limitam-se ao potencial lingüístico, bem como ao sistema lingüístico, haja vista a atenção voltada para a forma e transformação *do sistema*. Para os autores, a discussão sobre a capacidade ilimitada para a construção de significados deve ser baseada também na noção de *ordens de discurso*, ou seja, na “articulação socialmente estruturada de práticas discursivas que constitui a faceta discursiva da ordem social de um campo social”² (Chouliaraki & Fairclough, 1999: 114), e não só no *sistema lingüístico*. Dessa forma, seria possível vincular mudanças sociais a mudanças no sistema lingüístico e vice-versa.

O sistema aberto da linguagem é mantido também pelo dinamismo das ordens de discurso de cada campo social e não só pelos recursos disponíveis “dentro” do sistema. Novas articulações de discursos, gêneros e estilos de diferentes ordens de discurso também contribuem para a construção de significados. Segundo os autores, “a linguagem como um sistema aberto tem capacidade ilimitada para a construção de significado através de conexões gerativas sintagmáticas e paradigmáticas, mas é o dinamismo da ordem do discurso, capaz de gerar novas articulações de discursos e gêneros, que mantém a linguagem como um sistema aberto (...) Por outro lado, é a fixidez da ordem do discurso que limita o poder gerativo da linguagem, impedindo certas conexões” (Chouliaraki & Fairclough, 1999: 151-2). A ADC considera, portanto, que a semiose tem uma dupla estrutura, ou seja, o *sistema lingüístico*, por um lado, e a *ordem de discurso*, por outro. Essa dupla estrutura “emergiu da internalização da lógica do social no semiótico em diferentes níveis – na estruturação social da linguagem, em outros sistemas semióticos e na estruturação social da diversidade semiótica”.

A visão dialética, proposta pela ADC, de (redes de) práticas sociais compostas por vários momentos em articulação, dotados de mecanismos particulares e poder gerativo, alcança a ligação e relação de internalização entre os vários momentos de práticas e entre *sistema* e *instância*. Em outras palavras, entre *sistema*, disponível no nível de estruturas sociais e práticas recorrentes, por um lado, e *evento*, ou seja, a instanciação particular desse sistema em interações particulares, por

² Com base no conceito de Bourdieu, Chouliaraki e Fairclough (1999: 101) definem *campo social* como “uma rede de posições definidas por uma distribuição particular de capital que confere ao campo sua lógica prática específica”.

outro. Assim sendo, torna-se possível “avaliar o trabalho – incluindo o trabalho ideológico – que o momento semiótico assume em cada prática particular” (Chouliaraki & Fairclough, 1999: 151).

3.1. Os principais significados do discurso

A fim de superar parte dessas dificuldades com a LSF, Fairclough (2003: 27) propõe “operacionalizar transdisciplinarmente” as funções apresentadas em seu trabalho de 1992, quais sejam, funções ideacional, identitária, relacional e textual. Propõe-se uma abordagem das funções baseada na relação do *texto* com o *evento*, com o *mundo físico e social* e com *pessoas*. A semiose, nessa perspectiva, é vista segundo os principais *significados do discurso*, quais sejam, *acional*, *representacional* e *identificacional*. Esses significados correspondem às principais maneiras como a *semiose figura em práticas sociais*: como modos de agir, modos de representar e modos de ser, bem como aos elementos que compõem as ordens de discurso: gêneros, discursos, estilos.

Em práticas sociais, agimos e interagimos por meio da fala e da escrita, logo, o discurso figura primeiro como parte da *ação*. Diferentes *gêneros* correspondem, então, a diferentes modos de (inter)agir discursivamente. Em segundo lugar, o discurso figura na *representação* do mundo material, de outras práticas sociais ou em representações auto-reflexivas da própria prática particular, que se realizam em *discursos* que variam conforme as diferentes perspectivas ou posições dos sujeitos nas práticas sociais. Em terceiro lugar, o discurso figura na *identificação*, na constituição de modos particulares de ser, ou seja, de identidades sociais ou pessoais particulares, que se relacionam ao *estilo*.

O significado acional aproxima-se da função interpessoal de Halliday (1985) e incorpora a função textual. O significado representacional corresponde à função ideacional e o significado identificacional, por sua vez, incorpora traços da função interpessoal, mas relaciona-se diretamente à função identitária (Fairclough, 2001). Esses significados podem ser encontrados simultaneamente em textos, uma vez que estão dialeticamente relacionados, ou seja, cada um internaliza os outros.

4. Discursos jornalísticos como identificação

O discurso, como se viu, além de ser um modo de representar o mundo e de agir nele, também é um modo de identificar a si mesmo e aos outros. Ele contribui para a constituição de modos particulares e sociais de ser,

ou seja, contribui para a formação de identidades sociais ou pessoais particulares. Esta última função do discurso está diretamente relacionada com um dos momentos constitutivos da semiose: o estilo. Podemos definir *estilo*, com Chouliaraki e Fairclough (1999: 63), como o “tipo de linguagem usado por uma categoria particular de pessoas e relacionado com a sua identidade”. Esse tipo de linguagem expressa, de alguma forma, como o locutor se identifica e como identifica outras pessoas, por isso estilos relacionam-se com identificação.

Uma questão que se impõe sobre análises textuais que se ocupam com formas de identificação diz respeito aos traços lingüísticos que permitem localizar determinados estilos. Fairclough (2003) aponta uma série de manifestações lingüísticas, a exemplo de advérbios de intensidade, vocabulário e metáfora, dentre outros, que, em virtude das seleções variáveis que as pessoas fazem, carregam mensagens sobre identidades particulares e sociais. Mas a questão da identificação não é simples. Palavras não são suficientes para determinar radicalmente processos de identificação.

Discuti que a ADC trabalha com a noção de *prática social*, um nível intermediário entre as entidades agente e estrutura. A ação individual cotidiana não é desvinculada dos padrões institucionalizados de ação ou de relações, ou seja, a estrutura social é tanto *resultado* de ações individuais quanto *meio* para o desenvolvimento de tais ações. Ações individuais localizadas, em alguma medida constrangidas por formas mais cristalizadas de ação e interação, são responsáveis pela produção, reprodução ou transformação da organização social.

Nessa perspectiva, Fairclough (2003: 22) observa que a questão da *identificação* deve considerar, primeiro, a relação dialética entre sujeito e estrutura social. Agentes sociais não são completamente livres, mas parcialmente constrangidos pela estrutura social e vice-versa. Nos termos de Giddens (2003: 30), “estrutura não deve ser equiparada a restrição, a coerção, mas é sempre, simultaneamente, restritiva e facilitadora”. Em segundo lugar, deve ser considerado o fato de que identidades não se resumem a construções discursivas, haja vista que a identificação não é um processo puramente textual. As pessoas não são só pré-posicionadas no modo como participam em eventos sociais e textos, mas são também agentes sociais que atuam no mundo.

Em consonância com essa idéia, Castells (2001: 22-3) conceitua *identidade* como um processo de construção de significado com base em

um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Tal processo pode sofrer interferência de instituições dominantes, mas isso só ocorre *quando* e *se* os atores as internalizam, construindo o significado de sua identidade com base nessa internalização. Sendo assim, é necessário pensar tanto sobre os constrangimentos sociais que constituem as identificações, quanto sobre a possibilidade de o próprio sujeito constituir sua identificação.

Neste trabalho, investiguei a categoria de análise *metáforas*, da ADC, naturalmente tendo em vista a conjuntura social em que as amostras de discursos foram produzidas³, a fim de explorar o aspecto constitutivo do discurso sobre processos de identificação. Essa categoria lingüística é importante porque, ao significarmos algo por meio de uma metáfora e não de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra (Fairclough, 2001: 241), o que sugere afinidade com categorias particulares de pessoas e com determinadas maneiras de identificar aspectos do mundo.

4.1. Metáforas

Para Lakoff e Johnson (2002: 45), as metáforas estão infiltradas na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas no pensamento e na ação. Sendo assim, nosso sistema conceptual é metafórico por natureza. Isso significa que os conceitos que estruturam os pensamentos estruturam também o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas de acordo com nossa experiência física e cultural. A essência da metáfora, segundo os autores, “é compreender uma coisa em termos de outra”, o que implica compreender aspectos de um conceito em termos de outro, no caso das *metáforas conceptuais*; organizar conceitos em relação a uma orientação espacial, no caso da *metáforas orientacionais* e, finalmente, compreender nossas experiências em termos de entidades, objetos e substâncias, no caso das *metáforas ontológicas* (Lakoff & Johnson, 2002). Todos os tipos de metáfora necessariamente realçam ou encobrem certos aspectos do que se representa.

Em artigo intitulado “Metáforas do terror”, Lakoff (2004) sustenta que as imagens midiáticas dos atos de 11 de setembro mudaram os cérebros dos norte-americanos. Edifícios teriam sido apresentados como pessoas

³ Para uma análise completa, segundo o arcabouço metodológico da ADC, ver Ramalho (2005).

com olhos, narizes e bocas, representados por janelas. Os aviões que atravessaram as torres, compreendidos como balas que passam por uma cabeça. A queda da torre seria um corpo caindo. A imagem posterior seria o inferno: cinza, fumaça, o esqueleto de edifício, escuridão e sofrimento. A queda das torres teria representado o abalo da estrutura da sociedade estadunidense, uma vez que experienciamos a organização social em termos de edifícios, quando, por exemplo, dizemos que algo é “o alicerce” ou “a base” da sociedade.

Assim como essas metáforas suscitadas pelas imagens da mídia influenciaram a maneira como muitos viam Nova Iorque e os atos de 11 de setembro, as metáforas usadas pela imprensa brasileira também ajudaram a constituir tanto visões particulares acerca da invasão ao Iraque quanto a identificação de atores sociais direta ou indiretamente envolvidos com o conflito internacional.

5. Metáforas de *Veja* e *Caros Amigos*

Nesta seção, apresento a análise de maneiras como locutores e atores sociais envolvidos no conflito internacional entre EUA e Iraque identificam(-se) parcialmente por meio de metáforas em quatro reportagens: duas publicadas pela revista *Veja*, em 5 de fevereiro de 2003, quais sejam, “Bush já está em guerra”, que será apresentada nos exemplos como *Veja* 1, e “O califado do medo” (*Veja* 2), e duas publicadas pela revista *Caros Amigos*, em abril de 2003: “A complexa guerra do complexado Bush Filho” (*Caros Amigos* 1) e “Sob ataque” (*Caros Amigos* 2).

5.1 Metáforas de *Veja*

Das duas reportagens em análise da revista *Veja*, destaco as seguintes metáforas:

- (1) Na prática, a contagem regressiva para a queda de Saddam teve início há três meses [...] (*Veja* 1, p. 63).
- (2) Os estrategistas americanos apostam no poderio bélico despachado para o Golfo para decidir a guerra e derrubar Saddam [...] (*Veja* 1, p. 64).
- (3) Bush, na metade do mandato, está entrando num período de campo minado em relação à política econômica de seu governo (*Veja* 1, p. 64).

- (4) Em 1991, os EUA e seus aliados precisaram de seis semanas de bombardeios e menos de 72 horas para liquidar a fatura (*Veja* 1, p. 65).
- (5) A dúvida é como o ditador iraquiano reagirá a uma invasão que tem o objetivo específico de derrubá-lo (*Veja* 2, p. 73).
- (6) Saddam governa pelo terror, mas vive dominado pelo medo de ser derrubado (*Veja* 2, p. 72).
- (7) É por isso que Saddam tentou abocanhar novos territórios pelo caminho da força (*Veja* 2, p. 73).

As metáforas em destaque nos exemplos (1), (2), (4) e (5) organizam conceitos em relação a uma orientação espacial. As palavras “queda” e “derrubar” e cognatas organizam o conceito de poder segundo a metáfora orientacional apresentada por Lakoff e Johnson (2002: 61-2), qual seja, ter controle ou força é para cima; estar sujeito a controle ou força é para baixo. Na cultura ocidental, espacialização para baixo é experienciada em termos do que é mau e para cima, do que é bom. Sendo assim, as palavras “queda” e “derrubar” representam Saddam em termos da sujeição à força dos invasores estadunidenses, bem como em termos do que é mau.

Os exemplos (3), (4) e (7), por sua vez, apresentam metáforas conceptuais. A política econômica do governo W. Bush é experienciada em termos de guerra no exemplo (3), o que sugere um estilo próprio do enquadramento bélico das notícias que favoreceu o discurso do invasor. A morte de vítimas de guerras é experienciada em termos de transação comercial no exemplo (4): *liquidar a fatura* representa vencer a guerra e denota afinidade com o discurso favorável à invasão e com o discurso capitalista que ajuda a sustentar a hegemonia dos EUA.

No exemplo (7), a palavra “abocanhar” identifica Saddam em termos de ações não-humanas, animais. Na cultura ocidental, as pessoas se vêem como tendo controle sobre os animais e é a capacidade especificamente humana de atividade racional que coloca os seres humanos acima dos outros animais e lhes propicia esse controle (Lakoff & Johnson, 2002: 65). Sendo assim, Saddam é representado em termos de sujeição, de irracionalidade, enfim, do que é mau. Dessa forma, a metáfora dissimula relações entre os grupos políticos envolvidos no conflito e, por meio da acentuação de determinadas características que

sugerem maldade, insanidade e fragilidade de Saddam, impõe sentidos negativos ao grupo político médio-oriental.

5.2 Metáforas de *Caros Amigos*

Das reportagens da revista *Caros Amigos*, destaco as principais metáforas:

- (8) Com a destruição do Império do Mal, a URSS e sua economia estatizada, os EUA se viram livres para fazer sua cruzada em escala mundial (*Caros Amigos* 1, p. 13).
- (9) [...] o país passou a sofrer os efeitos da expansão do capitalismo ocidental [...] (*Caros Amigos* 1, p. 13).
- (10) A bandeira do Iraque vermelha, preta e branca com três estrelas brancas, tremula (*Caros Amigos* 1, p. 30).
- (11) Samir mostra cicatrizes na estrada que havia sido destruída na outra guerra e restos de carros, ferragens às margens (*Caros Amigos* 2, p. 30).
- (12) O embargo matou até mais do que os ataques nas zonas de exclusão aérea e minou a resistência do país, deixando-o à mercê do inimigo (*Caros Amigos* 2, p. 30).

A palavra “destruição” e cognata “destruída”, dos exemplos (8) e (11) representam as ações dos EUA de forma negativa, denotando concepção espacial para baixo, visto que “destruir” opõe-se à conotação da palavra “construir”, cuja orientação é para cima. Em *Veja*, as palavras que conotam *destruição* e *maldade* são associadas ideologicamente ao grupo político médio-oriental, ao passo que em *Caros Amigos*, o inimigo é o invasor, a exemplo do excerto (12), que identifica o embargo econômico imposto ao Iraque após a Primeira Guerra do Golfo, em 1990, em termos de guerra por meio da metáfora conceptual “minar”.

O exemplo (8) atualiza, num contexto irônico, a metáfora conceptual empregada por representantes governamentais dos EUA para representar a União Soviética e, posteriormente, para representar Irã, Iraque e Coreia do norte, qual seja, *Império do Mal*. Essa metáfora usada por W. Bush no ano de 2003 experiencia os três últimos países em termos do que é mau e perigoso, acentuando características negativas em favor da relação assimétrica de poder.

Os exemplos (9), (10) e (11) apresentam metáforas ontológicas, em que objetos físicos são concebidos como pessoas. A personalização permite dar sentido a fenômenos do mundo em termos humanos, que se baseiam na maneira particular como vemos determinadas entidades e relações. A “bandeira do Iraque tremula”, “as cicatrizes na estrada” e “o país passou a sofrer” caracterizam o enfoque humanista da reportagem, que discute os efeitos da guerra sobre as populações e a destruição civil, além de sugerirem que o verdadeiro medo é imposto pelos EUA e não pelo Iraque; que o inimigo é W. Bush e não Saddam, e que as consecutivas invasões estadunidenses são relacionadas a medo, sofrimento e doença, que resultam em cicatrizes.

6. Considerações finais

As visões particulares do mundo, internalizadas em gêneros, discursos e estilos, não só descrevem a realidade, mas contribuem para criar a realidade que se noticia. Uma vez que o poder simbólico de constituir o dado pela enunciação, de confirmar ou de transformar a visão do mundo só se exerce se for *ignorado* como arbitrário (Bourdieu, 2003: 14), a repetição da visão de mundo hegemônica nos discursos midiáticos torna a grande mídia uma instituição potencialmente capaz de garantir a ignorância, bem como a sustentação da criação da realidade à imagem do discurso hegemônico.

Uma vez que o discurso também é um modo de identificar a si mesmo e aos outros, ele contribui para a constituição de modos particulares e sociais de ser, ou seja, contribui para a formação de identidades sociais ou pessoais particulares. A naturalização do uso de metáforas nesse processo social de constituição de modos particulares e sociais de ser, as quais potencialmente inculcam sentidos negativos ao grupo político médio-oriental, possibilita a ação da ideologia por meio da violência simbólica, “do poder de impor – e mesmo de inculcar – instrumentos de conhecimento e de expressão arbitrários, embora ignorados como tais – da realidade social” (Bourdieu, 2003: 12).

Entender, primeiro, que a mídia constrói a realidade segundo uma visão particular de mundo, ou segundo um estilo, um “tipo de linguagem usado por uma categoria particular de pessoas e relacionado a sua identidade” (Chouliaraki & Fairclough, 1999: 63), submetida, por exemplo, a pressões do mercado e da ideologia dominante, e, segundo, entender que há identificações diferentes de um mesmo evento ou pessoas pode ser um princípio para uma leitura crítica. Tal leitura deve

considerar tanto a existência de diferentes interesses de grupos sociais particulares em lutas hegemônicas quanto o texto da notícia como processo/produto social que internaliza essas lutas.

Os resultados iniciais deste trabalho apontam para a importância da LSF como base científica da ADC tanto para verificar conexões entre eventos discursivos e práticas sociais quanto para questionar o papel do discurso na instauração, manutenção e transformação de relações de poder. A análise sugere que a grande mídia brasileira identifica-se com o discurso ideológico dos EUA, o que pode ter influenciado tanto a construção parcial de uma identidade social negativa para iraquianos e muçulmanos quanto a opinião pública a respeito da legitimidade do conflito internacional.

REFERÊNCIAS

- BARELLA, J. E. O califado do medo. *Veja*. 2002. São Paulo, ed. 1788, ano 36, n.5, 5 fev., p. 66-73.
- BHASKAR, R. 1989. *The possibility of Naturalism: a philosophical critique of the contemporary Human Sciences*. Hemel Hempstead : Harvester Wheatsheaf.
- BOURDIEU, P. 2003. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BUSH JÁ ESTÁ EM GUERRA. *Veja*, 2002. São Paulo, ed. 1788, ano 36, n. 5, 5 fev., p. 62-5.
- CASTELLS, M. 2001. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. 1999. *Discourse in late modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinbourg: Edinbourg University Press.
- FAIRCLOUGH, N. 2001. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- _____. 2003. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge.
- GIDDENS, A. 2003. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- HALLIDAY, M. A. K. 1985. *Introduction to Functional Grammar*. London: Arnold.
- _____. & MATTHIESSEN, C. M. I. M. 2004. *Introduction to functional grammar*. London: Arnold.
- HARVEY, D. 1996. *Justice, nature and the geography of a difference*. London: Blackwell.

- KALILI, S. Sob ataque. *Caros Amigos*. 2003. São Paulo, ano VII, n. 73, abr., p. 29-33.
- LAKOFF, G. *Metaphors of terror*. Disponível em: <<http://www.press.uchicago.edu/News/911lakoff.html>>. Acesso em 8 nov. 2004.
- ____ & JOHNSON, M. 2002. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ.
- POMPEU, R. A complexa guerra do complexado Bush filho. *Caros Amigos*. 2003. São Paulo, ano VII, n. 73, abr., p. 12-3.
- RAMALHO, V. C. V. S. 2005. *O discurso da imprensa brasileira sobre a invasão anglo-saxônica ao Iraque*. Dissertação. Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula. Universidade de Brasília.